

## **Cidade sensível: as transformações em relação aos animais em Florianópolis a partir da década de 1980**

Misael Costa Corrêa\*

Observando práticas como a farra do boi, o abandono de cães e as brigas de galos, vamos levantar algumas suspeitas sobre as mudanças de caráter cultural que ocorreram e ocorrem na cidade de Florianópolis nos últimos 30 anos, principalmente as novas sensibilidades em relação aos animais que passam a se impor com a urbanização acelerada e aos novos costumes adquiridos através das diferentes sociabilidades que passam a predominar nessa cidade nesse período.

A grosso modo, podemos dizer que a partir da década de 1960 Florianópolis sofreu transformações mais acentuadas, com o objetivo de modernizar a cidade. Para isso foram construídos novos acessos, como a ponte Colombo Salles, bem como a instalação de órgãos administrativos como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Eletrosul, entre outros. E isso teve como consequência a vinda de novos moradores para essas áreas, boa parte deles provenientes de outros estados, sobretudo do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Essas pessoas se instalaram em loteamentos, muitas vezes, próximos a seus locais de trabalho, assim, locais como Pantanal, Trindade, Córrego Grande e Itacorubi se tornaram bairros, e dentro desses bairros foram criados outros bairros, como é o caso do Santa Mônica, Parque São Jorge, etc. Mesmo assim, é válido lembrar que toda essa nova estrutura necessitou de mão-de-obra para a sua construção, geralmente uma mão-de-obra barata, sendo utilizadas para isso pessoas de menores condições financeiras, nativas ou procedentes de cidades do interior. Só assim conseguimos explicar o crescimento de áreas como a do maciço do Morro da Cruz e áreas como Saco Grande ou Monte Cristo. Decorrencia de uma política de urbanização e desenvolvimento a baixos salários.

A consequência de toda essa miscelânea é contato entre populações diferentes: populações rurais habitantes a muito tempo, pessoas urbanas que vinham para trabalhar ou até mesmo em busca de alternativas de vida diferente das que se encontrava em seus locais de origem, populações pobres em busca de empregos, etc. Os resultados desse

---

\* Mestrando em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

encontro cultural foram muitos, porém, cabe aqui salientar o estranhamento de algumas práticas, como é o caso da farra do boi ou boi na vara. Isso pode ter acontecido pelo que Yi-Fu Tuan chama de apinhamento. O qual, “a medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto” (TUAN, 1983:67). Aquele sujeito que anteriormente viviam em um sítio (numa espaciosidade), onde sua habitação ficava relativamente mais afastada do seu vizinho, por sua própria ação de vender terrenos, se vê, em alguns anos, rodeado de várias pessoas estranhas (apinhado). E não é somente esse sujeito que se sente apinhado, o novo habitante se sentirá da mesma forma, e além disso, apinhado por diferenças culturais. Assim, pode ser que esse crescimento urbano tenha gerado restrições de algumas liberdades. Em áreas rurais que deram lugar a bairros é comum encontrar queixas de vizinhos em relação a “falta de condições sanitárias” de outrem, geralmente no que se refere a ruídos ou odores produzidos por animais.

Quiçá, o que deveríamos pensar não exatamente que os novos moradores que irão se indispor com esse costume. Ao mesmo tempo em que existem muitos novos moradores com essa sensibilidade em relação aos animais, existem novos moradores que não se perturbam ou até mesmo que simpatizam, porém, também temos que pensar que o local, independentemente dos novos habitantes nunca foi uma sociedade homogênea e coesa. Além, é claro, de todas as divergências e diferenças políticas, religiosas, raciais, de gênero, de classe, etc., já existiam na cidade, pessoas contrárias a farra do boi, como é o caso de Othon Gama d’Eça, já na primeira metade do século XX. Contudo, as justificativas que se dava pra proibir a farra do boi e outras práticas, não são exatamente as mesmas que encontraremos a partir dos anos de 1980.

A farra do boi, antes de ser vista como um problema de maus-tratos ao animal (discurso anterior aos anos 1980), na perspectiva predominante dos que eram desfavoráveis a ela, a argumentação pautava-se na moralização. Ou seja, a farra do boi era vista como degradante para indivíduos que dela participavam, geralmente as acusações eram no sentido de depreciar os participantes, muitos preconceitos, geralmente de classe eram empregados para isso – o que também pode ser utilizado em outras construções discursivas, como no caso de um discurso ambientalista sobre a farra do boi. Mas, fundamentalmente, a perturbação com a farra do boi era uma preocupação civilizatória, uma preocupação no tempo que era gasto com atividades ditas

desnecessárias, que poderiam ser empregadas na construção da cidade moderna, da nação, semelhante ao que Geertz identificou em relação a proibição da brigas de galo em Bali, lugar onde a prática foi proibida em decorrência das apostas, como descreve o mesmo:

A não ser em ocasiões muito especiais, as brigas de galos são ilegais em Bali desde que foi proclamada a república (como eram sob os holandeses, por motivos não muito bem explicados), em função das pretensões ao puritanismo que o nacionalismo radical tende a trazer consigo. A elite que não é tão puritana, preocupa-se com o camponês pobre, ignorante, que aposta todo o seu dinheiro, com o que o estrangeiro poderá pensar, com o desperdício de tempo que poderia ser melhor aplicado na construção do país. Ela vê a briga de galos como “primitiva”, “atrasada”, “não-progressista” e que não combina, em geral, com uma nação ambiciosa. Como acontece com outros motivos de constrangimentos – fumar ópio, mendigar ou ter os seios descobertos – ela procura acabar com eles, de forma não sistemática. (GEERTZ, 1989:280)

Independentemente dos discursos civilizatórios, da proibição de Gama d’Eça, as brincadeiras de boi tiveram continuidade nas suas áreas de ocorrência, boa parte em decorrência da não inserção dessa população, ou da mínima inserção dessa população nos processos de aburguesamento social e econômico. É a partir da década de 1960, entretanto, que algumas mudanças estruturais se iniciam em Florianópolis, e seus resultados implicaram em pouco tempo em outras transformações. Ou como escreve Maria Bernadete Ramos Flores:

As bases para o movimento [contra a farra do boi] podem ser buscadas numa nova ordem urbana, que criou novos olhares e novas sensibilidades, portados por novos personagens que entram em cena na região a partir de 1960. Essas novas sensibilidades [...] desenvolveram-se, historicamente a partir do surgimento da burguesia, ou seja, com a modernidade. Keith Thomas, ao estudar as mudanças ocorridas nas relações entre homens e o “mundo natural” na Inglaterra, conclui que o século XVIII foi rico em novas sensibilidades com os animais. (FLORES, 1997:56)

Estamos tentando demonstrar de que forma as mudanças acontecem na cidade e na região influenciam nas mudanças de condutas, a maioria delas decorrentes da urbanização e de novas pessoas, com costumes diferentes a habitar este mesmo espaço. E é a partir dos anos 1980 que as disputas simbólicas se avolumam, com manifestações de ambientalistas, com a criação de ONGs, , como é o caso da ACAPRA (Associação Catarinense de Proteção Animal), que em sua página inicial na internet esclarece: “A

Acapra foi fundada em 12 de setembro de 1981 com o objetivo de divulgar e combater a farra do boi, praticada frequentemente no litoral catarinense”.<sup>1</sup>

Estava formado um campo propício a uma polêmica, da qual não seria oportuno estender-me muito mais do que isso. A intenção aqui, delimita-se a pensar como as estruturas se movimentam dentro do tempo histórico, proporcionando novas formas de compreensão dos costumes, transformando o que até então era considerado banal, em polêmicas e conflitos. Florianópolis queria se tornar urbana, mas para isso, como diz Simmel, as cidade grandes “precisam tingir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão daqueles traços essenciais e impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que pretendem determinar a partir de si a forma da vida”. (SIMMEL, 2005:580)

Mas a cidade não é um palimpsesto (LEPETIT, 2001:140), não é através de algumas modificações físicas ou estruturais que ela abandonará suas relações baseadas no ânimo e pautadas pelo sentimento, e passará a adquirir o caráter intelectualista, objetivista e anímico, do qual fala o próprio Simmel (SIMMEL, op. cit.:578). Antes disso, os usos do espaço serão feitos de diferentes formas, alguns desses costumes, ao invés de se extinguirem, se alteram ou tentam se adaptar a novas possibilidades. É uma das formas as quais podemos pensar a farra do boi, antes praticadas na espaciosidade, em áreas de chácaras e sítios, passa a ser praticadas em ruas, invadindo quintais das casas e até mesmo as residências. Isso quer dizer que as novas estruturas físicas não condicionam necessariamente usos diferentes dos novos espaços, mas podem determinar modalidades de resistência (LEPETIT, op. cit.:140). Claro que, algum sujeito de classe média, que não interagem com esse tipo de manifestação e vê seu patrimônio invadido por um boi, logo vai se sentir incomodado.

Também é possível verificar as alterações das sensibilidades observando o caso do abandono de cães na cidade de Florianópolis, e que tomou algumas páginas do Diário Catarinense no início do ano 2000. O problema parece ter surgido após a prefeitura por em prática a utilização de carrocinhas para recolher cães abandonados ou perdidos na rua, e que, segundo as notícias estava gerando desconforto entre os defensores dos animais e os adeptos do higienismo ou da ordem pública – se é que podemos fazer essa divisão.

---

<sup>1</sup> ONG ACAPRA. Disponível em: <http://ongacapra.wordpress.com>. Acesso em 23 nov. 2010.

Por suposto que o trabalho de recolher cães na rua, não é um serviço a ser realizado com muita delicadeza, e logo algumas pessoas se sentiram incomodadas com a maneira como eram recolhidos esses animais e apresentaram denúncias de maus-tratos. Juntamente a isso, algumas pessoas defendiam a esterilização dos animais como uma medida para a não proliferação dos cães de rua, em detrimento ao sacrifício. Porém, em decorrência do que estava acontecendo, a Acapra entrou com um pedido na justiça para que se proibisse o trabalho da carrocinha, como já tinha feito com sucesso no ano anterior. Isso fez com que o poder público municipal recuasse e convocasse uma reunião conjunta com a Acapra, o Conselho Regional de Veterinária e o Sindicato de Clínicas Veterinárias, para discutir o problema.

Dias depois a carrocinha voltou as ruas. Porém, o discurso parecia estar mais aprimorado, sendo que a proposta da carrocinha aparecia como um controle de zoonoses e, por conseguinte, apreender animais que demonstrassem ser foco de doenças.

Apesar desta disputa parecer um tanto corriqueira para a maioria das pessoas, podemos tomar isso como uma referência no âmbito das mudanças que acontecem na cidade de Florianópolis a nível cultural, ou como esses novos atores da modernidade passam a encarar certos acontecimentos. Isso expressa, sem dúvidas, que as sensibilidades estão constituídas também, e principalmente, dentro da sociedade civil. Enquanto a prefeitura de Florianópolis estava preocupada com um discurso higienista e até mesmo com a estética da cidade – o que compreende ao discurso apologético do turismo –, muitas pessoas estavam sensibilizadas com esses animais e apontando outras alternativas, “menos agressivas”, para “alcançar um nível de saúde pública e bem estar”. Isso demonstra, sobretudo, que, mesmo essas pessoas preocupadas com o bem estar animal, estão inseridas dentro dos discursos higienistas e/ou turísticos, e portanto, a discordância entre prefeitura e sociedade protetora, não se trata de uma oposição de discursos, mas um descompasso entre as ações de cada grupo para atender a objetivos quase comuns.

Outra prática a ser relacionada ao rápido processo de urbanização é a briga de galos, tentando observar como a cidade absorve ou repele alguns costumes. Ainda mais por se tratar de um espaço de modernização e urbanização acelerado, ou seja, dentro de um rápido processo de aburguesamento. Constituído, basicamente, através do uso de violências, – não exatamente a como é entendida no senso comum (violência física),

mas a violência presente nas pressões sociais, prescrições jurídicas, discursos, entre outras.

Com a urbanização, a rinha de galos parece ter deixado de ser uma diversão tão comum. Assim como a farra do boi, muitas pessoas preferiram se abster de certas manifestações. A lei pode ser uma das explicações, a urbanização outra, mas trata-se de observar em que momento e em que circunstâncias “a prática deixa de ser prática”, se deixa de ser, se somente se altera, em que áreas persiste mais, ou menos.

A perspectiva aqui não está em condenar ou fazer apologia a essas atividades, mas tentar observar como essas mudanças podem ser compreendidas, quem são os vários atores sociais dessa mudança. Tratar das brigas de galos na grande Florianópolis significa, pois, tratar de costumes, apontando possibilidades relevantes quanto ao estudo das cidades e das práticas culturais ligadas a ela. Afinal, a urbanização não se limita a construção civil, a verticalização, a poluição, etc., mas também a novas condutas criadas por esses novos espaços e pelo convívio com a alteridade. Ou nas palavras de Maria Bernadete Ramos Flores, “são choques culturais presentes em nossa vida moderna, a civilização da mudança, não só dos cenários físicos, mas onde ‘os figurantes têm que mudar também’.” (FLORES, op. cit.:52)

São duas práticas que sofrem basicamente com os mesmos tipos de sanções, argumentações semelhantes são utilizadas como base para sua proibição. Uma das poucas diferenças a ser apontadas é de que as rinhas de galos não se demonstram um “perigo” à propriedade privada. Contudo as duas foram postas em ilegalidade sob a alegação de que ferem os direitos dos animais. Dessa forma, temos que buscar onde, e em que circunstâncias, são produzidos, historicamente, os tais direitos dos animais. Buscamos alguns dos pressupostos teóricos em Keith Thomas, na sua obra *O Homem e o Mundo Natural*. Segundo este autor, muito das sensibilidades modernas em relação aos animais nasceu a partir das classes médias inglesas entre os séculos XVI e XVIII, propensas a ver os animais de estimação sob algum tipo de consideração moral. Segundo este autor, “a observação dos animais de estimação, aliada a experiência com os domésticos, forneciam apoio à visão de que os mascotes podiam ser racionais, sensíveis e compreensivos” (THOMAS, 1998:142). A partir daí começamos a observar um tipo de pressão, principalmente contra os pobres, para proteger os animais e incluí-los nessa moral que se expandia. Mas também é verdade que muitos dos esforços

também foram contra hábitos da nobreza e suas práticas de caça a raposas e outros animais. Ou seja, configurava-se um novo quadro, onde, a grosso modo, novos discursos acerca das relações entre os homens e os demais seres, passam a ditar novas regras e experiências sociais. Novas formas de sociabilidades e costumes passam a ser substituídos por outros, de preferência a costumes que se adéquem ao modelo de civilidade. Vemos assim, que a rinha de galos e a farra do boi são costumes que a “civilização” não conseguiu absorver de maneira pacífica.

Além do mais, isso oferece um campo propício para o surgimento de resistências. Pode ser a resistência a inovação, assim dizendo, no caso de Florianópolis, pode ser uma resistência ao novo, ao diferente, aos novos residentes, as novas práticas e condutas decorrentes de seu abrupto crescimento urbano. E talvez, é dessa forma que se possa pensar a farra do boi, como um lugar de resistência, de manutenção ou ressignificação de uma prática como elemento identificador de uma comunidade que se diz nativa e, em certa medida, que se sente ameaçada por essas inovações, como sugeriu Flores em sua pesquisa sobre a farra do boi e as identidades criadas a partir dela. Ela vem tentando demonstrar

a existência da diversidade dos pontos de resistência [...], configurando uma complexidade na correlação de forças. A resistência não está dada de forma natural, mas se cria no próprio terreno onde se exerce. Um exemplo esclarecedor deste caráter é a configuração de uma nova identidade, o que poderia designar como a constituição de novos signos de pertencimento à “comunidade” da farra do boi. A resistência ao “inimigo externo”, aos diversos agentes que se insurgiram contra a farra do boi criou uma autoconsciência e um orgulho que recrudescer ou formou uma solidariedade entre os diversos adeptos da farra do boi. (FLORES, op. cit:202)

Interpretando Maffesoli de forma ousada, poderíamos dizer que a formação dessas identidades pode ser entendida como uma cultura que supera o espírito individual e subjetivo. Isso podemos observar tanto na comunidade da farra do boi e dos galistas, como também na sociedade que se opõe a essas práticas. Nisso que é classificado como pós-modernidade ou modernidade tardia, parece que “tudo passa pela imagem espetacular e tudo é pretexto para reuniões nas quais se possa partilhar essa imagem” (MAFFESOLI, 1997:200). O fato de o indivíduo ser jogado constantemente a adesão de determinada causa, compartilhar opiniões sobre acontecimentos, próximos ou

não de sua realidade, o faz participar de um conjunto coerente, ou de uma massificação, como afirma o próprio Maffesoli:

A figura do social é essencialmente composta pela cooperação, ou seja, pela integração de elementos heterogêneos que, mesmo conservando suas particularidades, concorrem para a formação de um conjunto coerente. O rosto ou o corpo individual é uma boa metáfora para compreender a interação da comunidade, do estar-junto social. (MAFFESOLI, 1997:240)

É nesse contexto pós-moderno, de urbanização ou gentrificação que surgem os coletivos, é o grupo de farristas, galistas, é a Acpra e diversas ONG's ou a própria sociedade civil. Antes disso as práticas e antagonismos também existiam, porém, parece que não havia esse identificar-se a causa, o homem que praticava a brincadeira do boi não se intitulava como farrista, da mesma forma o galista. Participar de atividades como essa com certeza faziam parte de sociabilidades e/ou ritos, contudo, a sua participação não era reduzida a um adjetivo. Da mesma forma como eles participavam dessas atividades eles participavam de outras que faziam parte de seus cotidianos e nem por isso foram reduzidos a adjetivos das atividades que praticavam.

#### Bibliografia

- FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos e ficções*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LEAL, João. *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes Para o Futuro: relações de poder e cultura urbana*. Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado em História).
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Suliana, 1997. 304p.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In Revista Mana nº 11, vol. 2. p. 577 a 591, Rio de Janeiro, 2005.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.